

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA**  
**REVISITAR OS GRANDES GÊNEROS: A FICÇÃO CIENTÍFICA**  
**8 e 15 de Julho de 2022**

**INVASION OF THE BODY SNATCHERS / 1978**  
**(A Invasão dos Violadores)**

*Um filme de Philip Kaufman*

Realização: Philip Kaufman / Argumento: W.D. Richter, baseado no romance de Jack Finney / Direcção de Fotografia: Michael Chapman / Direcção Artística e Cenários: Charles Rosen e Doug von Koss / Guarda-Roupa: Agnes Anne Rogers / Música: Denny Zeitlin. / Som: Art Rochester / Montagem: Douglas Stewart / Efeitos Especiais: Russell Hessey e Dell Rheume / Interpretação: Donald Sutherland (Matthew Bennell), Brooke Adams (Elizabeth Driscoll), Jeff Goldblum (Jack Bellicec), Veronica Cartwright (Nancy Bellicec), Leonard Nimoy (David Kibner), Art Hindle (Geoffrey), Lelia Goldoni (Katherine), Kevin McCarthy (homem em fuga), Don Siegel (o taxista), Tom Luddy (Ted Hendley), etc.

Produção: Solofilm, para a United Artists / Produtor: Robert H. Solo / Cópia: Digital, colorida, falada em inglês com legendagem electrónica em português / Duração: 115 minutos / Estreia em Portugal: AB Cine e São Jorge, a 19 de Abril de 1979.

*A sessão de dia 15 tem lugar na Esplanada e decorre com intervalo de 15 minutos*

\*\*\*

Certas histórias são como contentores, prontas a serem enchidas com o que se quiser lá pôr. A história do romance publicado em 1955 por Jack Finney, **The Body Snatchers**, é, nesse sentido um dos maiores “contentores” da história da ficção científica. Em adaptações expressas do romance e em glosas ou variações que se inspiram na sua ideia de base – corpos e mentes tomados de assalto por forças nefastas, que os privam de toda a vontade própria – deve ser das histórias mais revisitadas em décadas e décadas de cinema de “fc” (e este ciclo, para além de contar com três filmes directamente inspiradas no romance de Kinney, já apresentou e ainda apresentará outras variações).

Mas é um contentor, também, em termos políticos. Se a primeira adaptação do romance, o clássico **Invasion of the Body Snatchers** (de Don Siegel, logo em 1956) é geralmente vista como um produto típico da guerra fria, e o inimigo que se apropria dos corpos e das mentes uma metáfora do “socialismo” ou do “comunismo” (embora, justiça seja feita, isso esteja mais nos olhos do observador do que no próprio filme, que tem a vagueza das alegorias), e portanto aproximando o filme de Siegel da “direita” e do “conservadorismo”, a origem da de Philip Kaufman é o oposto. Admirador do filme de Siegel, e obviamente sensível à suas conotações políticas, Kaufman perguntou-se se, 22 anos depois, na entretanto muito liberalizada América, e especialmente na cidade de São Francisco (“a cidade mais progressista que conheço”, Kaufman dixit), a mesma história poderia suceder – e sem grandes alterações narrativas, apenas pela caracterização das personagens e dos lugares, deslocar o sentido político da narrativa para *o outro lado*, fazer ver nela não a “ameaça progressista” dos anos 50, mas uma ameaça ao progressismo dos anos 70.

E assim nasceu a versão Kaufman dos Body Snatchers, certamente (com **The Right Stuff**, em

meados dos anos 80) o melhor filme de um realizador bastante desigual, e que mais tarde viria a revelar uma propensão para os ambientes literários ou extraídos à literatura, que se lhe trouxe dois filmes que ficaram bastante famosos (**The Unbearable Lightness of Being** e **Henry & June**) sem serem necessariamente muito bons, também trouxeram um desastre irremediável (o grotesco **Quills**, com Geoffrey Rush a fazer o mais cabotino Marquês de Sade que a História já viu).

Estes **Body Snatchers** de 1978 contém duas homenagens expressas ao filme de 1956. Uma é a presença, já mais para o final, de Don Siegel, em “cameo” como taxista. Outra, mais no princípio, é o “regresso” de Kevin McCarthy, protagonista da versão Siegel, a entrar neste filme como saía (ou não saía) do primeiro, gritando e esbracejando pelas ruas, mandando parar os carros, tentando conquistar os transeuntes para a sua paranóia – é o primeiro momento de verdadeira inquietação no filme de Kaufman, a primeira (e bastante assustadora) vacilação da realidade, que de resto Kaufman filma exactamente assim, enquanto “realidade” (e que essa cena se passe em plena “downtown” de São Francisco, dada sem disfarces nem efeitos, eis o que ajuda muito à inquietação da cena, que de resto, curiosamente e segundo reza a lenda, não estava prevista: McCarthy passou pelas vizinhanças do “set”, inesperadamente, e ofereceu-se para fazer a cena, pela qual nem terá sido, ao que se diz, pago).

Kaufman usa a câmara com aquele “experimentalismo” que os anos 70 permitiam mesmo no “mainstream”, e logo a sequência de abertura (quando ainda não sabemos a importância que as plantas virão a ter) é um bom exemplo disso. Como é também uma expressão da liberdade que os anos 70 permitiam aos cineastas americanos boa parte das cenas entre Donald Sutherland e Brooke Adams, os serões e os jantares, “aquela coisa com os olhos”, toda uma série de apontamentos que num cineasta menos convicto do filme que está a fazer seriam vistos como dispersões. Ou serão dispersões, mas o filme, se vai circunscrevendo a história de ficção científica que tem para contar e deixando lentamente que ela lhe ocupe o centro (as cenas nos “banhos de lama”, e naturalmente os minutos finais, cada vez mais assustadores), aposta exactamente nisso, num olhar que está constantemente a levantar a vista do osso do argumento para espreitar em volta, inserir tudo, personagens e intriga, num cenário real. A forma como Kaufman filma as ruas e a arquitectura de São Francisco, e aí encontra um equilíbrio perfeito (e significativo) entre expressões de modernidade arquitectónica e outras mais tradicionais, não é apenas uma maneira de exponenciar o carácter inquietante da narrativa – é verdadeiramente o produto de uma vontade documental (como nos filmes de Lumet ou de Pollack em Nova Iorque), registar a respiração de uma cidade, como se pressentisse que não restava ao cinema americano industrial muitos mais anos antes de sucumbir à fantasia e ao efeito especial.

Luís Miguel Oliveira